

Um amor em cores quentes

MICHEL GOULART DA SILVA *

Resumo: Neste artigo discute-se a dinâmica do desenvolvimento da sexualidade da personagem Adèle do filme *Azul é a cor mais quente*. Para realizar a análise parte-se do referencial teórico da psicanálise, em especial as contribuições de Sigmund Freud. Procura-se analisar também como o filme mostra a influência de diferentes aspectos e contradições sociais em relação ao desenvolvimento da sexualidade da protagonista e seu estabelecimento de relações afetivas.

Palavras-chave: Psicanálise; Cinema Francês; Homossexualidade.

A love in warm colors

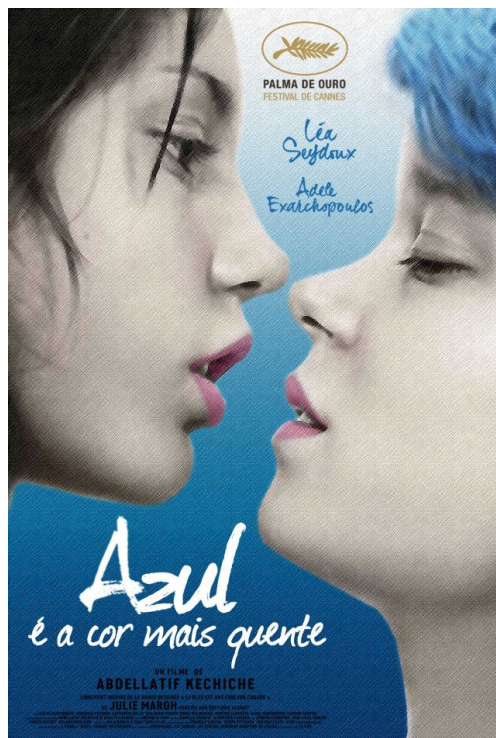
Abstract: This article discusses the dynamics of the development of sexuality Adèle character of the film *Blue is the warmest colour*. In order to carry out the analysis, one starts from the theoretical reference of psychoanalysis, especially the contributions of Sigmund Freud. It is also sought to analyze how the film shows the influence of different aspects and social contradictions both in the development of sexuality and in the establishment of affective relationships.

Key words: Psychoanalysis; French cinema; Homosexuality.



* MICHEL GOULART DA SILVA realiza pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Técnico em assuntos educacionais no Instituto Federal Catarinense (IFC).

O filme *Azul é a cor mais quente*, lançado em 2013, dirigido por Abdellatif Kechiche, narra a história de amor entre a adolescente Adèle, ainda descobrindo sua sexualidade – possivelmente essa a razão do título original francês do filme, *La vie d'Adèle* – e Emma, uma garota mais velha, que demonstra maior clareza acerca de sua orientação sexual.¹ Baseado no romance gráfico escrito por Julie Maroh, *Le Bleu*



est une couleur chaude, originalmente publicado em 2010, o filme foi livremente adaptado, modificando não apenas o título e o nome da protagonista, que no original se chama Clementine, como também grande parte do enredo.

Embora aborde a intimidade amorosa de um casal homoafetivo, o filme problematiza uma das características mais típicas das relações heterossexuais: a opressão da mulher.² Para tanto, o filme optou por mostrar em seus delicados detalhes a construção desse amor e os empecilhos por ele enfrentado. Por essa razão, enfatiza a subjetividade e o cotidiano de Adèle, apostando em uma linguagem marcada por planos próximos de seu rosto e, no que se refere ao

roteiro, construindo sequências e diálogos acerca de temas do dia a dia.

Embora a homossexualidade seja uma temática controversa no interior da teoria psicanalítica, esta é uma importante referência teórica para se compreender a constituição da sexualidade e o amor enquanto um sentimento que marca os mais diferentes sujeitos. Pode-se afirmar que

a inovação da psicanálise, em relação à filosofia e à ciência, é o fato de abordar a maneira singular pela qual cada ser humano realiza suas experiências de prazer e desprazer, o que aponta, a nosso ver, para a afirmação de subjetivações irredutivelmente singulares em suas diferenças (NERI, 2005, p. 273).

Sigmund Freud pensa a homossexualidade como parte da constituição da própria sexualidade do sujeito.³ Segundo Freud (2010a, p. 61),

³ Essa compreensão de Freud não parece ser unânime entre os psicanalistas. Wilhelm Reich (1986, p. 73), por exemplo, identifica duas espécies de homossexualidade, uma delas da criança masculina depois de experimentar decepções amorosas demasiado numerosas junto de uma mãe severa e dura e outra de moças que experimentaram demasiadas decepções junto do pai. Segundo Reich, essas duas espécies de homossexualidade são “formas anormais de desenvolvimento sexual que é preciso chamar de doença uma vez que os indivíduos sofrem com isso”. Essa suposta doença, segundo Reich, “pode em princípio ser curada por um tratamento

¹ Na distribuição internacional do filme parece ter-se optado pelo título da história original, como no caso do Brasil, divulgado como *Azul é a cor mais quente*, e na versão em inglês, distribuída como *Blue Is the Warmest Colour*.

² Para uma análise da representação da opressão da mulher no cinema, Cf. Silva (2005).

“em geral a pessoa oscila, toda a vida, entre sentimentos heterossexuais e homossexuais, e a frustração ou desilusão de um lado costuma empurrá-la para o outro”. Essa oscilação entre a aceitação e a frustração se relaciona em grande medida com a moral sexual, onde “repressões extremamente enérgicas de determinados instintos se realizam sob influência da educação, e produzem-se forças psíquicas como o pudor, o nojo, a moral, que zelam como vigias para essas repressões” (FREUD, 2014a, p. 271-2). As formas de repressão da sexualidade acabam por levar as pessoas a constituírem sua sexualidade não apenas dentro de uma lógica binárias, como também a assumir como naturais os papéis impostos socialmente, que se limitam ao masculino e ao feminino.

O referencial teórico freudiano permite analisar a homossexualidade como um processo em que o sujeito se constitui a partir de um conjunto de elementos que vão desde suas características biológicas até o processo de educação recebido. Sua sexualidade se constitui, ao longo da vida, no contato com o mundo ao redor e com as outras pessoas com quem se relaciona. No caso do filme aqui analisado, o espectador acompanha o desenvolvimento da sexualidade de Adèle, desde a indefinição quanto ao seu objeto de prazer, passando pelo estabelecimento de uma relação homoafetiva até a ruptura, que ocorre justamente devido a possíveis dúvidas acerca de sua sexualidade.

Um dos elementos desse processo que interessa no debate realizado neste ensaio é o sentimento conhecido como

psicanalítico que elimina o desvio infantil do desenvolvimento sexual”. Para uma breve análise da história da Psicologia, Cf. Silva (2021).

amor, destacando o sentido explorado pela psicanálise. Freud discutiu a manifestação do amor em diferentes passagens de sua obra. Em um desses textos, apresenta um conceito de amor, assim definido:

O núcleo do que chamamos de amor naturalmente é constituído por aquilo que de hábito é chamado como tal e por aquilo que cantam os poetas, o amor sexual como a meta da união sexual. Mas não separamos disso outras coisas que também tomam parte no termo “amor”; por um lado, o amor-próprio, e, por outro lado, o amor parental e o amor filial, a amizade e o amor universal ao próximo, e tampouco a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas (FREUD, 2013, p. 69-70).

O amor, na compreensão de Freud, se relaciona ao estabelecimento de laços de diferentes naturezas entre as pessoas, tendo em sua base a satisfação de impulsos sexuais, que podem se manifestar tanto como meta inibida como em sua forma direta. Segundo Freud (2013, p. 70),

a investigação psicanalítica nos ensinou que todas essas aspirações são a expressão das mesmas moções de impulso que impelem à união sexual entre os sexos; é verdade que em outras circunstâncias essas aspirações são desviadas dessa meta sexual ou impedidas de atingi-la, mas elas sempre conservam bastante de sua natureza original para manter sua identidade reconhecível.

Essa compreensão de amor aponta para a articulação de relações e reações que ultrapassam o mero ato sexual, constituindo-se no processo mais amplo de construção da sexualidade do sujeito. Freud observa que os impulsos sexuais de meta inibida, que não são suscetíveis

de uma satisfação propriamente completa, permitem criar ligações duradouras, enquanto os impulsos sexuais diretos sempre perdem sua energia devido à satisfação e precisam esperar por renovação, podendo o objeto ser substituído. Como consequência,

a transformação de aspirações sexuais diretas, efêmeras em si mesmas, numa ligação duradoura, meramente terna, também é algo bastante comum, e a consolidação de um casamento baseado na paixão repousa em grande parte nesse processo (FREUD, 2013, p. 152).

No filme *Azul é a cor mais quente* pode-se identificar a construção do amor no sentido acima exposto, por meio das descobertas afetivas e sexuais de Adèle. Para isso, é possível dividir a narrativa do filme em três partes. Na primeira parte, Adèle, uma adolescente, estudante do primeiro ano do ensino médio, ainda explora sua própria sexualidade. Em sua primeira incursão por um relacionamento amoroso procura um objeto aparentemente óbvio, ou seja, um garoto, se envolvendo com Thomas, um colega de escola. Contudo, rapidamente evidencia-se uma clara insatisfação de Adèle com esse relacionamento, que se mostra logo em uma primeira conversa no ônibus, em que Adèle se esforça para parecer atenta ao diálogo, embora se perceba que, por parte dela, não há um efetivo interesse. Os interesses de ambos são bastante diferentes, fazendo com que a conversa seja formal e até mesmo fria. Em seu primeiro encontro, evidenciam-se ainda mais as diferenças entre Adèle e Thomas, em especial devido ao entusiasmo de Adèle por línguas e literatura. Thomas, por sua vez, não compartilha em nada desse entusiasmo.

Essa falta de afinidades entre Thomas e Adèle vai ganhando mais força à medida que se aprofunda o contato físico entre eles. No primeiro encontro, quando vão ao cinema, Thomas segura a mão de Adèle e a beija. Adèle corresponde ao beijo, mas o interrompe e volta a se concentrar no filme. Posteriormente, em uma cena de sexo, mostra-se Adèle distraída e pouco satisfeita, com o olhar distante. Não há excitação, não há prazer, não há entrega, somente o fingir e a sensação de certo vazio, que leva Adèle a comentar depois para um amigo: “Tenho a impressão de que estou fingindo. Fingindo em tudo. O problema não é ele. Está me faltando alguma coisa”. Pouco depois, numa conversa na escola, sentados num banco de cor azul, Adèle põe fim ao seu curto relacionamento com Thomas.

Paralelo à história com Thomas, ocorre o encontro casual e a troca de olhares com Emma – cujo nome Adèle ainda não sabe –, com seu cabelo pintado de azul, um pouco mais velha, que passeia na rua abraçada a outra garota. Uma forte atração parece tomar conta de Adèle, que por um instante esquece do mundo ao seu redor, parada na rua, em meio a carros e motos. Essa atração leva Adèle a procurar uma efêmera satisfação na masturbação, enquanto constrói fantasias eróticas imaginando o ato sexual com aquela garota com quem esbarrou e que tanto a atraiu. Neste momento da narrativa do filme, não há uma relação estabelecida entre Adèle e Emma, mas somente uma atração que impele Adèle a procurar alguma forma de satisfação, mesmo que rápida, das necessidades de sua libido, construindo fantasias sexuais acerca do objeto que lhe provoca desejos.

Depois do término do relacionamento com Thomas e do encontro casual com a garota de cabelos azuis, Adèle acaba experimentando o sabor do beijo de uma garota. O beijo acontece enquanto fumava um cigarro com Beatrice, uma colega de colégio. Adèle se sente excitada pelo beijo. Embora tímido e quase casual, o beijo parece ser um começo para o desabrochar da sexualidade de Adèle. No entanto, quando Adèle, excitada pela descoberta de sensações novas, busca repetir o beijo, a garota se mostra arrependida. Não imaginava que Adèle levaria tão a sério aquele beijo casual, diz Beatrice. Sem nem poder iniciar um relacionamento que poderia lhe mostrar caminhos para a descoberta de novas sensações afetivas, Adèle novamente se encontra incompleta em sua sexualidade, agora não pelo fato de manter uma relação que não a satisfaz, mas porque se vê obrigada a se afastar de um possível objeto de realização sexual antes mesmo de poder satisfazer seu desejo uma única vez.

Na segunda parte da narrativa, Adèle está às voltas com seu amor por Emma. Parece haver uma força de atração na cor azul dos cabelos da garota desconhecida. O azul constantemente aparece no filme, em roupas, objetos ou mesmo em alguns cenários, associado ao calor da paixão da Adèle. O quarto de Adèle, onde a protagonista se recolhe para vivenciar seus momentos mais íntimos, como escrever no seu diário ou se masturbar, é dominado pelo azul. Beatrice, a garota que beijou na escola, usa azul no esmalte das unhas e em outros acessórios e roupas.

O uso do azul como expressão de calor e de paixão pode parecer um tanto quanto estranho, afinal essa é uma cor

normalmente associada ao frio e à tranquilidade. Contudo, é possível analisar as cores também pela percepção subjetiva que cada pessoa possui delas. Por isso, ainda que haja uma parte instintiva na reação à cor, a pessoa acumula em sua memória experiências que a fazem agir de determinadas maneiras ao longo de sua vida. Pode-se associar, portanto, a percepção das cores também a elementos culturais experimentados pela própria pessoa, ou seja, “a reação do indivíduo à cor é uma maneira particular e subjetiva e relacionada a vários fatores” (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 96). Para Adèle, é o azul que a excita e conforta e ao qual associa o calor do amor.

Em sua busca por se aproximar do objeto de sua fixação, Adèle vai a boates frequentadas por lésbicas, onde consegue encontrar a garota que tanto ocupava sua imaginação. O encontro, novamente com certa casualidade, mostra a tônica dos diálogos entre as duas ao longo do filme, buscando construir-se a partir de temas cotidianos. Esse encontro é seguido por outros tantos e, aos poucos, constrói-se a relação entre as duas, em detalhes pequenos, nas conversas sobre coisas simples ou mesmo banais. Os detalhes da construção do relacionamento, intercalados pelas cenas de sexo, dão conta de fazer o espectador ser ganho pelo forte sentimento que lentamente se constrói nos pequenos detalhes de cada cena.

No processo, que começa na frustração da relação sexual com Thomas e passa pelo prazer interrompido com Beatrice, pode-se identificar na narrativa do filme a construção da sexualidade de Adèle. Em certo momento, quando esbarra pela primeira vez com Emma, Adèle parece

estar presa a numerosas fantasias, uma das quais a leva a uma satisfação momentânea por meio da masturbação. Segundo Freud (1997, p. 102-3), “é na esfera da representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o da fantasia, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se”. Na constituição de sua sexualidade, para Adèle a jovem de cabelos azuis, embora atraente, é ainda uma imagem distante.

Não demora, Adèle defronta-se com a frustração. Em um primeiro momento, isso passa pela ausência de prazer no ato sexual com Thomas. Adèle ainda encara como natural que a atividade sexual passe pela relação com um homem. No entanto, diante da falta de prazer, precisa lidar com a frustração pelo fato de, no ato sexual, “a expectativa e a realização não poderem coincidir” (FREUD, 2014b, p. 379). O caminho da frustração de suas fantasias se manifesta novamente quando Adèle se vê obrigada ao rompimento precipitado com Beatrice, que havia começado a lhe mostrar a possibilidade de caminhos diferentes da lógica normativa para sua sexualidade. Diante da frustração de não encontrar a satisfação, Adèle tem como alternativa

transformar a tensão psíquica em energia ativa, que permaneça voltada para o mundo exterior e afinal obtenha dele uma real satisfação da libido, ou renunciar à satisfação libidinal, sublimando a libido represada e usando-a para alcançar metas que já não são eróticas e escapam à frustração (FREUD, 2010b, p. 231).

No processo de constituição da sexualidade, o instinto de busca do prazer é concentrado e organizado em duas direções principais. Em uma das direções, “os diversos instintos ficam subordinados ao domínio da zona genital” (FREUD, 2014a, p. 271). Na outra direção, “a escolha de objeto relega para trás o autoerotismo, de maneira que na vida amorosa os componentes todos de instinto sexual passam a procurar satisfação na pessoa amada” (FREUD, 2014a, p. 271). Para Adèle, o relacionamento com Emma alcança sua plenitude tanto quando encontra a satisfação no ato sexual, superando as frustrações anteriores, como quando pode compartilhar com a companheira a felicidade da vida amorosa.

Contudo, ainda que Adèle tenha encontrado a satisfação afetiva no relacionamento com Emma, seu namoro está marcado por profundas contradições, que ultrapassam os limites da sua constituição psicológica ou mesmo do amadurecimento de sua sexualidade. Uma dessas contradições é a de classe. Não há uma clareza de qual seria exatamente a classe à qual Emma pertence, embora se explicita que se trata de uma família com boas condições de vida, possivelmente de classe média ou mesmo da pequena-burguesia. Essa condição permite a Emma aproveitar ao máximo diferentes formas de satisfação pessoal, como participar frequentemente de festas e cursar Belas Artes na universidade. Essa carreira, inclusive, mostra certa busca por uma satisfação estética, acessando símbolos culturais considerados eruditos e construindo uma perspectiva cosmopolita da realidade. Como meta para sua vida, Emma visualiza batalhar por se tornar artista

reconhecida, mostrando, em certa medida, pouca preocupação com conquistar um emprego que lhe garanta uma estabilidade financeira.

Por sua vez, Adèle trilha um caminho distinto. Mais nova que Emma, oriunda de uma família aparentemente com menos recursos financeiros, tem em mente conquistar algo mais concreto, palpável, que garanta um mínimo necessário para sua sobrevivência. Excelente aluna em literatura e línguas, Adèle coloca como objetivo ser professora, pretendendo optar, quando estivesse formada, por trabalhar com alfabetização. Embora Adèle não demonstre uma plena satisfação com esse projeto, visualiza que ele, por um lado, pode lhe garantir condições financeiras mínimas para sobreviver e, por outro, lhe permite, ao reconhecer a importância da educação para a sua vida, dar um retorno para a sociedade.

Essa tensão entre as diferentes perspectivas de vida de Adèle e Emma fica mais evidente nas cenas dos jantares com ambas as famílias. Na casa de Adèle, seu pai comenta que “viver de pintura hoje em dia é meio complicado”. Emma, embora incomodada com a afirmação, concorda com o sogro, mas afirma, em uma atitude defensiva: “Eu também faço artes gráficas. E é mais fácil viver de artes gráficas hoje em dia do que de pintura”. O pai de Adèle segue em sua reflexão, afirmando que “ter formação artística é importante”, mas pondera: “precisa ter um emprego de verdade, para se sustentar. Se a situação aperta, você tem essa garantia”. Como os pais de Adèle não sabem do seu relacionamento com Emma, perguntam a esta sobre um namorado hipotético e se ele possui emprego. Com um sorriso irônico, Emma confirma, ao que a mãe

de Adèle afirma: “Que ótimo! Assim, você pode fazer as suas pinturas enquanto ele trabalha. Quem quer ser artista precisa ter um marido que sustente a casa”. Emma, ainda mais incomoda, muda de assunto, afirmando: “O macarrão é simples, mas está muito bom”.

Na casa de Emma, onde o relacionamento amoroso das duas jovens é conhecido pela família, o centro do diálogo acaba sendo Adèle, que, em certo momento, afirma: “Eu quero muito ser professora”. Diante do questionamento da mãe de Emma sobre se sempre quis ser professora, Adèle responde: “Sim. Não é que eu goste do sistema de ensino, mas sei que a escola foi importante para mim e me ensinou muitas coisas. Isso me permitiu ter contato com coisas que meus pais não tinham me mostrado, nem meus amigos”. Como forma de mostrar sua perspectiva de futuro, Adèle também afirma: “não me vejo estudando mais uns quinze anos para ter um diploma e não achar emprego. Prefiro uma coisa mais concreta”. Esse é um momento em que Emma se coloca na conversa, afirmando: “Quem sabe, continuando a estudar, você encontre uma coisa que goste”. Nessa frase Emma mostra de forma sutil seu incômodo com a perspectiva de futuro de sua namorada, indicando que, no seu entendimento, Adèle estaria renunciando a sonhos e realizações maiores em troca da segurança financeira que um emprego fixo poderia dar à sua vida.

No filme não se expressa juízo de valor sobre qual seria uma perspectiva correta. O que se busca evidenciar é a diferença de origens de classe de cada uma das jovens. Essa diferença de origens se manifesta não apenas na perspectiva de

futuro, mas também na interpretação da realidade em que estão inseridas e, conseqüentemente, em seu relacionamento. Para Adèle, a educação é uma possibilidade de mobilidade social, ou seja, uma forma de superar as dificuldades materiais que enfrentou, enquanto para Emma a educação é somente uma etapa quase que natural em sua formação, que a leva a buscar acima de qualquer coisa uma satisfação pessoal.

Esses diferentes projetos de vida acabam criando momentos de tensão entre as duas, afinal Emma insiste para que a companheira se dedique à carreira literária. Por outro lado, as diferenças se manifestam não apenas na perspectiva de futuro, mas também na vida cotidiana e em seu relacionamento. Ou, mais precisamente, acaba por se estabelecer uma relação de dominação de Emma sobre Adèle, que, indiretamente e por meio de várias mediações, expressa uma relação de classe. Sua manifestação mais básica se dá na insistência de Emma para que Adèle encontre uma carreira que, no entendimento de Emma, tenha mais relação com o seu talento como escritora. Essa diferença, que leva Emma a paulatinamente nutrir certa decepção pela companheira, faz com que esta perca inclusive o interesse sexual por Adèle.

Essas contradições de perspectiva se manifestam em outros momentos do filme. Em determinada sequência, durante a festa de aniversário de Emma, todo o trabalho de organização recai sobre Adèle, parecendo uma espécie de empregada doméstica de sua companheira. Ela prepara a comida, organiza o espaço e, durante a festa, é incumbida de servir os convidados. Emma apenas aproveita a festa, se

comportando como a pessoa que manda naquele espaço e mostrando a todos que sua companheira é sua subalterna, enquanto Adèle, a cada momento mais cansada, fica até mesmo sem tempo de comer. Emma assume o papel dominante no casal possivelmente por um conjunto de razões, como o fato de ser mais velha e mais experiente sexualmente, embora também seja possível relacionar às condições materiais e à origem de classe de ambas. Para compreender essa questão e as contradições a ela relacionadas, mostra-se fundamental o conceito de *divisão sexual do trabalho*:

A divisão das tarefas com base no gênero pode ser explicada a partir de análises relacionadas à história do desenvolvimento das diferentes sociedades, e à forma como se deram as relações entre os sexos na sociedade capitalista. Em sociedades que têm por base a propriedade privada dos meios de produção, o trabalho realizado por uma parte da população não apenas passou a ocupar uma esfera exclusivamente doméstica, como chegou a deixar de ser entendido como atividade produtiva. Construiu-se histórica e socialmente a percepção de que as atividades realizadas pelas mulheres no ambiente doméstico seriam inferiores ao trabalho realizado pela outra parte desta mesma população (ROSA, 2020, p. 32-33)

Retomando a relação entre a história do filme e o desenvolvimento sexual de Adèle, há um terceiro momento em que se narra o fim do relacionamento com Emma e os rumos que suas vidas seguem. Em função das suas diferenças e dos atritos provocados por elas, Emma se mostra desinteressada por Adèle. Embora não seja mostrado abertamente, Emma parece iniciar um relacionamento com uma amiga, uma jovem grávida que

estava presente na festa de aniversário, e por quem demonstra um enorme carinho. O desinteresse no relacionamento com Adèle aparece não apenas pela frieza de Emma, que se foca mais na carreira artística e deixa em segundo plano a companheira, mas também pelo desinteresse na atividade sexual.

Adèle, em crise, coloca em dúvida até mesmo as certezas que havia construído acerca de sua sexualidade. Depois de ter passado tanto tempo dedicada ao relacionamento com Emma, parece perder, com o distanciamento do seu objeto de amor, a certeza acerca do que deseja. Com isso, acaba se envolvendo com um rapaz, colega de trabalho, que anteriormente havia demonstrado interesse por ela. No entanto, a narrativa do filme deixe bastante claro que este não se trata de um efetivo envolvimento afetivo e sexual por parte de Adèle, mas uma distração para tentar preencher um vazio que vivencia em seu relacionamento com Emma.

Emma descobre a traição de Adèle. Em uma das cenas mais fortes do filme, Emma humilha Adèle, que, desesperada, não faz mais do que se desculpar e expressar o quanto se sentia sozinha diante do distanciamento da companheira. Emma, magoada pela traição, expulsa Adèle de casa.

Pode-se identificar possíveis motivações para a traição tanto no caso de Adèle como no de Emma. Entende-se que as relações têm sempre dois fatores, ou seja, a pulsão, um impulso que parte das nossas necessidades e dos nossos desejos, e o objeto de amor, que nos suscita o desejo. No casal, à medida que o tempo passa, o desejo sexual diminui, deixando cada vez mais espaço para a

ternura. Uma das possíveis motivações para a traição, que parece ser o caso de Emma, é o tédio, sendo o ato uma forma de fugir de uma vida que parece não oferecer mais surpresas tanto emocional como sexualmente. Para Adèle, a traição parece estar associada muito mais a uma represália por se sentir ferido no seu narcisismo, buscando então se vingar da mesma forma de sua companheira.

Nas cenas posteriores à separação, mostra-se Adèle se dedicando integralmente ao trabalho e, ao que parece, sem constituir nenhum tipo de relacionamento amoroso, parecendo estar sublimando seus sentimentos. Como forma de mostrar a permanência de seus sentimentos, mostra-se Adèle indo com frequência ao banco de praça em que as duas tinham se encontrado numerosas vezes. Esta pode ser interpretada como uma forma de Adèle eventualmente encontrar Emma, caso a antiga companheira também sinta saudade e se dirija à praça.

Posteriormente, passados alguns anos, no reencontro de Emma e Adèle, esta revela que seus relacionamentos tinham sido poucos e, como ela própria enfatiza, “bobos”. Emma confirma que estava se relacionando com a garota que havia provocado a crise no relacionamento com Adèle, mostrando estar feliz em criar o filho e assumindo, de certa forma, a posição de pai de família. Como revela Emma, a satisfação sexual nesse relacionamento é bastante limitada. Nesse diálogo, Adèle revela a permanência do sentimento por Emma, que externa apenas um sincero sentimento de ternura. Emma, ainda que atraída pela ex-companheira, resiste à investida de sedução de Adèle.

Nessa caminhada pelo desabrochar afetivo de Adèle, expresso no filme, foi possível identificar pelo menos dois elementos centrais na discussão sobre sexualidade. Primeiro, que essa construção não ocorre de forma momentânea e espontânea, mas faz parte de um processo muito mais longo e complexo na vida da pessoa. Mesmo que com o passar dos anos a pessoa mostre interesses sexuais mais ou menos permanentes, não é possível delimitar identidades ou até mesmo objetos estanques. Nesse sentido, a mera dicotomia entre heterossexualidade e homossexualidade, enquanto delimitação de identidades sexuais para uma vida inteira, se mostra equivocada e, de forma geral, acaba por se constituir em amarras contra uma maior liberdade de vivenciar a vida afetiva.

Por outro lado, a construção dessa afetividade entre pessoas não se explica apenas pela psicologia ou pela biologia. Nesse processo convergem fatores sociais cuja finalidade, de forma geral, acabam servindo para tolher sentimentos ou até mesmo para criar obstáculos que acabam por se influir no desenvolvimento psicológico das pessoas. Sejam as classes, os preconceitos sociais ou mesmo a mais sutil opressão, essas formas externas às pessoas não são outra coisa que não mecanismos de controle da sexualidade, que servem para enquadrá-las nas expectativas do olhar heteronormativo. Ainda que o final de Adèle e Emma não seja aquele preferido por muitos expectadores, a experiência de sua relação permite refletir acerca das opressões, das escolhas e dos

sentimentos vivenciados pelas pessoas em seu cotidiano.

Referências

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5ª ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In: **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 10, 2010a.

FREUD, Sigmund. Tipos de adoecimento neurótico. In: **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 10, 2010b.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise. In: **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 9, 2014a.

FREUD, Sigmund. O tabu da virgindade. In: **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 9, 2014b.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da Modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

REICH, Wilhelm. **O combate sexual da juventude**. São Paulo: Epopeia, 1986.

ROSA, Mariana Silveira dos Santos. “Da divisão sexual do trabalho a naturalização da opressão: um estudo acerca das obras de Engels e Clastres”. **Religación**, v. 5, n. 23, p. 31-40, 2020.

SILVA, Michel Goulart da. “Esvaziando Olga”. **Revista Urutágua**, n. 6, 2005.

SILVA, Michel Goulart da. “Psicologia, psicologia histórico-crítica e educação”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 7, n. 19, p. 13-19, 2021.

Recebido em 2021-11-22
Publicado em 2022-05-01